



VII SEMANA
TEOLÓGICA
TEMA: "MEDELLÍN 50 ANOS:
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS"
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



JESUS DE NAZARÉ EM FACE DO CONTEXTO SÓCIO POLÍTICO E CULTURAL DA PALESTINA DO SÉCULO I

José Nazeu Campelo Filho¹

RESUMO

A pesquisa do Jesus histórico passou despercebida por muitos séculos na história da Teologia, sendo tolhida por uma Cristologia Alta que ofuscava qualquer interesse pela humanidade do Nazareno. Ora, como todos os homens de sua época Jesus filho de José e Maria certamente foi impactado pelo contexto sociocultural, em contraponto a visão dos fiéis ignorarem a judaicidade do homem considerado Cristo e Salvador, desconsiderando as evidências de que ele viveu como hebreu devoto até o fim de sua curta vida. Nesse sentido, o presente artigo aponta alguns pontos relevantes na Palestina da época de Cristo, a saber, o contexto social, político e econômico, os quais foram determinantes na formação de seu caráter, valores e, sobretudo na sua missão de pregoeiro do Reino de Deus. Para tanto, esse artigo descreve vários aspectos da sociedade do século I, na região chamada pelos romanos de Palestina, o qual servirá de pano de fundo para entender melhor a figura Jesus que viveu e morreu judeu.

Palavras chave: Contexto Socioeconômico. Judaicidade. Formação Cultural.

INTRODUÇÃO

A figura do Cristo pintada nos quadros, encenada no teatro e no cinema expressa uma fé popular de um Jesus ocidentalizado, baseado numa errônea visão adaptada dos missionários europeus na transmissão de um evangelho que fosse mais atrativo para os nativos de cada região. Evidencia-se assim que refletir sobre a influência do contexto sociocultural da Palestina do século I em face do Jesus histórico é um imperativo para o Cristianismo atual, no afã de extrair os princípios gerais da mensagem do Nazareno, através de uma metodologia crítica e seleta bibliografia.

Ab initio, faz-se mister entender como as forças políticas poderiam influenciar o discurso de Jesus, deve-se para tanto auferir a geopolítica da região da Judéia e Galiléia, a partir da dominação romana e os seus delegados herodianos, sempre implacáveis e sedentos de poder, bem como avaliar a oposição política dos

¹ Bacharel e Especialista em Direito, Bacharelado em Teologia pela FDM.

grupos extremistas. Por conseguinte, extremamente relevante avaliar dentre a massa popular as divisões religiosas desse momento histórico, discernindo dentre estas interpretações do divino algum reflexo direto ou indireto nos discursos de Jesus, mesmo que baseado no que os seus discípulos absorveram.

Por fim, não deve se olvidar de uma reflexão sobre o contexto econômico da região e momento histórico vivido, a saber, a extrema miserabilidade da população, como fator motivacional dos movimentos messiânicos típicos do judaísmo do qual Jesus se amoldou significativamente.

1 OS PODERES POLÍTICOS

1.1 Romanos

Os romanos chegaram na palestina no século I a.C. exercendo um poder político e militar da região. Para tanto estava disponível na palestina a décima legião romana, além de burocratas e tributaristas, exercendo assim uma velada paz sobre tudo e todos.

Todavia, houve por parte do círculo apostólico uma mensagem acomodação ao sistema emitida nas suas cartas, na medida em que pedem a paz dos cidadãos e oração pelos governantes romanos, ou mesmo quando fazem parecer que o prefeito da Judéia estava resiliente no julgamento.

Essa postura diante da autoridade cumulada com versos específicos de Romanos 13 deu margem nos escritos cristãos do que chamou doutrina da autoridade. Nesse sentido o autor protestante Gonçalves, considerando uma rasa interpretação do contexto política assim escreveu:

Qualquer um de nós pode discordar do estilo de liderança do político em questão, do prefeito de nossa cidade, do governador e assim por diante, mas precisamos admitir a atualidade e validade dos preceitos de Romanos 13.1-7 que regem o ordenamento político para o um país democrático, como é o caso do Brasil, e de dezenas e dezenas de outras nações. Esse político está debaixo de uma autoridade dada por Deus. (GONÇALVES, 2015, p. 53)

Ora, tendo em vista os relatos de extrema crueldade dos romanos é de se causar estranheza como estes invasores europeus não são retratos como opressores nos evangelhos, mas como meros seres manipulados nas mãos dos Judeus na condenação do Cristo, relevando que a pena de rebeldia contra o sistema



fora aplicada implacavelmente sobre o galileu Jesus. Esse silêncio dos escritores neo-testamentários merece uma atenção especial do intérprete, vez que os missionários pretendiam mudar as almas através mensagem de esperança num Reino Celestial, e não o sistema em si.

1.2 A família de Herodes, o Grande e seus descendentes

O patriarca Herodes o Grande era filho de um estrategista militar, aliado dos romanos chamado Antípater, o Idumeu. Assim herdou do pai tanto o contato e como a simpatia do Império Romano, sendo então nomeado por Augusto César Governador da Judéia.

Por sua origem árabe Herodes o Grande nunca teve o favor dos judeus, todavia é inegável seu sucesso como monarca construtor de grandes cidades, e reformador do turismo religioso.

Apesar de estar na jurisdição de Herodes Antipas há pouca influência dos feitos desta família real no evangelho, mas apenas uma caricatura trazida por Mateus no afã de aproximar a história do nascimento de Jesus a Davi, ou ainda quando este mesmo autor tenta relacionar o Cristo como o novo Moisés.

2 AS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

2.1 O Templo

O grande Templo judeu foi erguido no ano de 515 a.C., sendo reformado por Herodes, o Grande. Era comandado por sacerdotes da tribo Levítica, a qual coubera tanto administração do culto judeu, sendo sustentando pelas ofertas e em dinheiro e arraigado comércio religioso nos seus átrios.

No tocante ao aspecto físico era imponente do Templo, conforme atesta o Historiador Flavio Josefo, nos seus escritos enfatizava sua importância:

No aspecto externo do edifício, nada foi descuidado para impressionar o espírito e os olhos. Com efeito, como ele era recoberto de todos os lados por espessas placas de ouro, desde o nascer do sol, refletia a luz com tal intensidade que obrigava os que o olhavam a retirar os olhos como diante dos raios do sol. Para os forasteiros que chegavam, ele aparecia de longe como uma montanha nevada, pois onde não era recoberto de ouro, o era de mármore branco. No alto, era erigido de pontas de ouro agudas para impedir os pássaros de pousar e de sujar o teto. (JOSEFO, Guerra Judaica V, 695).



Assim, como centro religioso de sua época este edifício com suas atribuições serviram de pano de fundo de mensagens escatológicas de Jesus, sendo inclusive incontestável que uma destas exortações apocalípticas servido como acusação fundamental para sua morte prematura.

2.2A sinagoga

Instituição de ensino religioso judeu desde o cativeiro babilônico, ajudou sobremaneira a preservação das tradições judaicas, tanto em relação a transcrição dos textos, como doutrinar hebreus além do solo nacional a persistirem na fé mosaica.

No que tange a relevância religiosa para a devoção dos judeus, a biblista SAUINIER consignou:

O Templo é o lugar que polariza toda a vida religiosa, política e econômica de Israel. Mas no cotidiano da vida, uma outra instituição – a sinagoga – reveste-se de uma grande importância. Não há senão um só templo aonde se sobe em certas ocasiões (ao menos uma vez na vida quando se mora longe da Palestina), mas até a menor aldeia tem uma sinagoga: é aqui, afinal, que se forjam a mentalidade e piedade do israelita. (SAUINIER, 1983, p. 44)

Considerando a capacidade de Jesus em citar as Lei e as demais Escrituras se torna inquestionável de que ele não apenas frequentava a sinagoga, mas também era assíduo nos estudos da Torá, em que pese na época da feitura dos evangelhos esta instituição ter fechado as portas aos cristãos.

2.3 O Profetismo

Evidencia-se no século I d.C. um reavivamento judeu na esperança messiânica que fomentou o surgimento de figuras religiosas, os quais atraíam multidões, contudo, em virtude de que não haver uma clara separação do que era profetismo religioso dos movimentos por independência em face do Império Romano, este tipo de manifestação religiosa foi duramente reprimida tanto pelas autoridades civis romanas como pela classe sacerdotal.

Em contrapartida a reestruturação sacerdotal do templo no século IV a.C., veio então à tona uma literatura introspectiva e esperançosa de um novo céu e terra, que tomara a figura do Filho do Homem com central.



Este tipo de literatura tinha grande aceitação do povo, vez que respondia ao pergunta do motivo do povo eleito ainda estar sendo oprimido, bem como dava ânimo necessário a suportar o jugo das nações estrangeiras, todavia, acertadamente estes escritos judaicos serviram de inspiração teológica a onda do profetismo e rabinato do século I d.C., além de pano de fundo a expectativa messiânica presente no seio judaico.

3 AS SEITAS JUDAICAS

3.1 Os Saduceus

Membros da classe religiosa que tinha interesse na continuidade da dominação romana, tendo em vista a perpetuação do comércio na área do templo e o turismo religioso, marcado, sobretudo pelo monopólio do culto sacrificial. Os saduceus dominavam o tribunal Sinédrio, influenciando duramente as demais seitas judaicas, tendo em vista poder imputar até mesmo pena capital de apedrejamento aos hereges.

De acordo com Schubert, os saduceus formaram um importante partido religioso no tempo de Jesus, embora saibamos pouco sobre eles, podemos afirmar que sua decadência está relacionada com a destruição do Templo, fato motivador de que esse grupo não “tiveram seguidores que transmitissem as suas concepções às gerações posteriores” (SHUBERT, 1979, p. 53).

Contudo, partindo do dado revelado nos evangelhos ficou claro que foi o partido dos saduceus que capitaneou as acusações ao Nazareno, não apenas pelo que dissera contra o Templo, mas, sobretudo, pelo medo de que os romanos intervissem na nação retirando privilégios conquistados.

3.2 Os Fariseus

Os fariseus eram compostos de religiosos leigos oriundos das diversas camadas do povo judeu, tanto de nobres comerciantes a humildes artesãos. Este grupo detinha grande estima perante o povo pois servia de elo entre os orgulhosos sacerdotes, influenciando a massa popular com regras rígidas morais e religiosas, inspiradas nas leis de purificação.



JESUS DE NAZARÉ EM FACE DO CONTEXTO SÓCIO POLÍTICO E CULTURAL DA PALESTINA DO SÉCULO I

Contudo, sempre que aparecem nos evangelhos os fariseus são retratados de maneira negativa, refletindo da mesma maneira em textos de autores cristãos de outras áreas, consoante o psiquiatra e palestrante Augusto Cury:

Um dia, os fariseus perguntaram sobre sua origem, pois queriam condená-lo por suas próprias palavras. E como Cristo conhecia a intenção deles, respondeu com outra pergunta sobre a origem de João Batista. Para cortar as raízes de hipocrisia dos seus acusadores, ele os conduzia a falar sobre seu famoso precursor, aquele que todo o povo considerava um profeta. Se os fariseus negassem João, o povo se revoltaria contra eles; se o reconhecessem, teriam que aceitar o mestre que ele anunciava, Cristo. Então, constrangidos, os fariseus preferiam se omitir e disseram que não sabiam. (CURY, 2006, p.132)

Diante do exposto, cabe análise mais aprofundada da real participação dos fariseus no julgamento de Jesus, vez que é revelada nos evangelhos que este detinha simpatia de alguns, e posteriormente convertidos significativos nesse grupo como Saulo de Tarso.

4 A ECONOMIA DA PALESTINA

O comércio, tanto interno quanto externo, também era praticado na Palestina, cujo território era cortado por importantes rotas comerciais. No tocante ao comércio interno, pouco conhecido, consistia-se nas trocas locais e, sobretudo, visava o abastecimento das grandes cidades.

Já quanto ao comércio externo se importava produtos de luxo, consumidos pelas elites e pelo Templo. Por outro lado, exportavam-se alimentos – frutas, óleo, vinho, peixes. Foi inclusive os primeiros discípulos recrutados de uma cooperativa de pescadores do Lago Tiberíades.

Os estrangeiros podiam trocar seus dinheiros com os cambistas, porque Jerusalém tinha uma moeda própria, sendo que a principal atividade econômica da região, contudo, era a agricultura. Sobre essa atividade relevante, foi justamente a agricultura que serviu como pano de fundo para a parábola do semeador amplamente difundida.

Diante dessa inserção social, os pregoeiros cristãos como Charles Finley reconheceram no Cristo uma identificação social, nestes termos:



JESUS DE NAZARÉ EM FACE DO CONTEXTO SÓCIO POLÍTICO E CULTURAL DA PALESTINA DO SÉCULO I

Cristo pôde condescender em nascer numa manjedoura; em ser criado numa vida humilde; em ser mais pobre que as raposas do deserto ou as corujas do céu; em se associar a pescadores; em se misturar com todas as classes e buscar o bem delas; em ser desprezado na vida e em morrer entre dois ladrões sobre a cruz. Sua benevolência "suportou a cruz, desprezando a afronta" (Hb 12.2). Ele era "manso e humilde de coração" (Mt 11.29). O Senhor do céu e da terra é tão humilde de coração em relação a qualquer de suas criaturas, quanto está acima delas em sua infinitude. Ele pode condescender em tudo, exceto em cometer pecado. Ele pode rebaixar-se infinitamente. (FINNEY, 2004, p. 195)

Destarte, evidencia-se que as diversas atividades citadas serviram como moldura para os ensinamentos do rabino Jesus de Nazaré, o qual empregava essas atividades nas suas ilustrações acerca do Reino de Deus.

CONCLUSÃO

Apesar de que a mensagem do mestre nazareno estava a frente do seu tempo, na medida em que desprezou os paradigmas sociais como a condição da mulher, dos impuros rituais como leprosos, sobretudo dos mais pobres, é inegável também que Jesus era um judeu temente a Javé, sujeito ao contexto da época em que viveu.

Destarte, o estudo do contexto geopolítico esclarece não apenas as razões de morte do Nazareno, mas também como a sua mensagem teria chegado aos quatro cantos do Império Romano, tendo em vista ter se servido das facilidades da *pax* promovida pelos estrangeiros. Sobre a mensagem de Jesus ela não era desassociada da realidade política e moral das autoridades que regiam a palestina, sendo que o Nazareno contestou os fariseus, os saduceus, a instituição do Templo.

Cabe destacar que o movimento implementado por Jesus era da escola apocalíptico-messiânica, bebendo da fonte escatológica da figura do Filho do Homem em face das expectativas do povo Judeu que estava extremamente oprimido pelos governantes estrangeiros e nativos.

Diante do exposto, pugna que o estudo da figura histórica de Jesus deve ser contextualizado, sobretudo pelas pesquisas sociológicas e arqueológicas desde dado recorte histórico, no afã de extrair o real conteúdo de sua mensagem, bem como a real mensuração do impacto teológico nos primeiros discípulos.



REFERÊNCIAS

CURY, Jorge. **O Mestre dos Mestres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FINNEY, Charles. **Finney's Systematic Theology**. Traduzida por Lucy Iamkami. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

GONÇALVES, Josué. **O perigo de quebrar o princípio de autoridade**. São Paulo: Mensagem para Todos, 2015.

JOSEFO, Flavius. **História dos Hebreus**: 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

SAUINIER, Christiane; ROLAND, Bernard. **A Palestina no tempo de Jesus**. Tradução: José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1983.

SCHUBERT, Kurt. **Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária**. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

